

todos os seres humanos e não apresenta o passado e o saber sob o mesmo aspecto. Daí as inúmeras referências ao fato de que o iniciador aprende, às vezes, muito mais que o iniciado (encontramos referências deste tipo em particular na Cabala).

De forma alguma acho necessário ligar a iniciação aos costumes das sociedades primitivas ou aos ritos de passagem, isto simplesmente porque a iniciação é um fenômeno muito raro, limitado, muito provavelmente, a uma centena de candidatos "recebidos" por geração e não um fenômeno geral correspondente à fase da puberdade e ao ingresso na sociedade. A mesma palavra é empregada para duas coisas extremamente diferentes.

Seria útil, a meu ver, empregar-se "rito de passagem" cada vez que se trata simplesmente de antropologia e não de Tradição, o termo "iniciação" devendo ser reservado à comunicação da antiga Tradição.

Esta comunicação deve acontecer muito raramente. É difícil citar um número; digamos, trezentos por século, cem por geração.

Evidentemente é muito pouco, e pode-se dizer que a totalidade dos seres humanos vive e morre sem se aperceber das riquezas que carregam em si mesmos.

Nossa ignorância sobre os fenômenos da genética em seu conjunto impede responder com precisão a maior parte das perguntas feitas. Por exemplo: todos os habitantes da Antártica, no momento em que existia a grande Tradição, estariam informados sobre estes assuntos, por pouco que fosse? Em caso negativo, qual a porcentagem informada? Como se transmitem as informações concernentes à Tradição e contidas no código genético? Pela hereditariedade mendeliana, como os caracteres comumente transmitidos, ou segundo uma outra lei desconhecida por nós?

É evidente que só pode ser iniciado aquele que possui no seu código genético esta informação. Se ela não está ali, não é possível revelá-la.

Devido à multiplicação da população, a maioria dos caracteres genéticos foram enormemente difundidos. Nestas condições, qual a proporção dos humanos que pode ser iniciada? 99 por cento ou 1 por um milhão? Sinto-me mais inclinado pela primeira cifra, todavia reconheço não ter um argumento bastante sério para oferecer em favor da minha hipótese.

Deve-se compreender bem — e não só com relação às questões ditas raciais em geral — que a hereditariedade é uma transmissão descontínua. Não se trata de "sangue que se dilui", como afirmavam os racistas e os geneticistas de Stalin tipo Lyssenko. Trata-se da transmissão de uma ou diversas moléculas no quadro da divisão dos cromossomos e das formações de genes.

Se chamamos a mais recente civilização avançada anterior a nós, aquela da Antártica, de "civilização zero", não se trata, como diria um racista nazista ou staliniano, de "ter no sangue uma gota do sangue da civilização zero". Trata-se de ter ou não uma molécula no seu código genético. Uma molécula particular, contendo mais informações do que todos os livros da biblioteca nacional reunidos, uma molécula que se reproduz automaticamente e talvez esteja presente em todos os cromossomos humanos; pelo menos isto é o que creio.

Esta molécula também pode ser um traço hereditário extremamente raro. E, bem entendido, todas as soluções intermediárias são possíveis. A presença desta molécula é necessária mas não suficiente para se ser iniciado.